

Poéticas da descolonização
o legado de Frantz Fanon para a literatura e as artes

Fernanda Murad Machado
Michel Mingote Ferreira de Azara

“O imperialismo deixa para trás germes de podridão que devemos detectar e remover clinicamente da nossa terra, mas também das nossas mentes”

Frantz Fanon, *Os condenados da terra*.

Neste ano de 2025, em que se comemorou o centenário do nascimento de Frantz Omar Fanon (1925-1961), a IPOTESI - Revista de Estudos Literários, v. 29, n. 2, de jul./dez. 2025, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), convidou professores, pesquisadores e estudiosos a enviarem trabalhos que refletissem sobre o impacto do pensamento do escritor e ativista martinicano no campo da literatura e das artes.

Frantz Fanon aliou o engajamento intelectual à militância revolucionária pela emancipação negra e a independência das colônias europeias na África, deixando como legado uma obra plural que, nas palavras de Achille Mbembe, “permitiu a constituição de um campo de estudos efervescente, rizomático e, hoje, de alcance planetário”.

A atualidade de sua obra evidencia-se, neste início de milênio, não só pela publicação de estudos críticos, traduções e retraduações de seus escritos, como também pela organização de eventos por universidades e movimentos sociais, e ainda pela produção de biografias em formatos diversos — de livros acadêmicos a infantojuvenis, passando por graphic novels e filmes — denotando o interesse pelo pensamento do teórico e pela ação do homem político.

Prolífico e multifacetado, o campo dos estudos fanonianos agrega leituras históricas, políticas, sociológicas e psicológicas. No entanto, o impacto do autor ainda é pouco explorado na produção literária e artística. Essa abordagem se faz necessária, levando-se em conta a dedicação de Fanon à elaboração de uma teoria da cultura, seu interesse manifesto pela literatura e a dimensão poética de sua escrita.

Girando em torno de diversos eixos temáticos — como o impacto do pensamento de Fanon nos debates sobre cultura, literatura e artes no seu tempo e em outros períodos históricos; diálogos entre Fanon e o autores africanos e antilhanos, em particular, Aimé Césaire, Édouard Glissant, Albert Memmi, Achille Mbembe; e a evolução da presença de Fanon nos meios acadêmicos brasileiros —, o presente número da revista IPOTESI engloba diversos trabalhos que

contribuirão com os estudos fanonianos, sobretudo no que tange às relações entre o pensamento de Fanon e a literatura.

Nesse horizonte, os artigos reunidos neste dossiê evidenciam a fecundidade do pensamento fanoniano para a leitura crítica de obras produzidas em distintos contextos históricos, linguísticos e geopolíticos do mundo atlântico colonial e pós-colonial. Ao articular Fanon a romances, contos, ensaios teóricos e obras de arte, os trabalhos aqui apresentados demonstram como categorias centrais de sua obra — tais como colonialismo, racialização, violência, linguagem, assimilação cultural e descolonização — permanecem decisivas para a compreensão das dinâmicas simbólicas e políticas que atravessam a criação de escritores e artistas.

O dossiê se inicia com « Fanon avant Fanon: *Atipa, Batouala* et les prémices littéraires de la décolonisation dans le monde francophone », artigo de Paola Karyne Azevedo Jochimsen, que propõe uma leitura comparativa de *Atipa: roman guyanais* (1885), de Alfred Parépou, e *Batouala: véritable roman nègre* (1921), de René Maran. Ao revisitar esses romances fundadores da literatura francófona da Guiana Francesa e da Martinica, o estudo identifica, ainda no século XIX e início do XX, elementos literários que antecipam problemáticas centrais do pensamento anticolonial fanoniano.

Na sequência, em “Pele preta, desejo branco”, Christopher Rive St Vil e João Vichthor de Oliveira Lopes analisam a fetichização do corpo masculino negro como ferramenta de controle no romance *Le Nègre du Gouverneur* (2001), de Serge Patient, explorando as articulações entre colonialismo, erotização e assimilação cultural na Guiana Francesa do século XIX.

O diálogo transatlântico se amplia no artigo “Virada pós-colonial: uma leitura *d’O Cometa* a partir de Frantz Fanon e Achille Mbembe”, escrito por Ianes Augusto Cá, que propõe uma leitura do conto *O Cometa*, de W.E.B. Du Bois, à luz dos estudos pós-coloniais e das reflexões de Fanon e Mbembe sobre racismo, brutalismo e violência. Ao aproximar literatura anglófona e ensaio teórico, o texto apoia-se em categorias fanonianas para a compreensão das continuidades e reconfigurações da violência racial no século XX.

A herança colonial e suas consequências extremas são examinadas por Alencar Zidani em “Quebrems o espelho!: Colonialismo, golpe e genocídio como evento complementar em *Nossa Senhora do Nilo*, de Scholastique Mukasonga”. A partir do contexto ruandês, o artigo analisa como a ficção literária elabora as marcas do colonialismo belga e suas reverberações no genocídio dos tutsis, evidenciando a pertinência do pensamento fanoniano para a leitura das relações entre colonialidade, identidade étnica e violência histórica.

No campo das tensões contemporâneas da diáspora africana, Larissa Lacerda de Sousa e Charles Ponte, em “O problema da linguagem em *Americanah* (2013) sob uma perspectiva fanoniana”, fazem uma leitura do romance de Chimamanda Ngozi Adichie tendo como enfoque o

problema da linguagem como forma de resistência, ao analisar o deslocamento da protagonista da Nigéria para os Estados Unidos. Os autores constroem um diálogo entre o texto literário, o pensamento de Fanon e de autores do campo dos estudos pós-coloniais e culturais, em particular, Homi Bhabha e Stuart Hall.

O artigo “Perseguindo rastros de história: Frantz Fanon e *O avesso da pele*”, de Gisele Novaes Frighetto, funciona como eixo de convergência do dossiê, ao reunir e tensionar os principais conceitos mobilizados ao longo dos trabalhos. Perseguindo rastros históricos, estéticos e políticos nas obras de Fanon e de Jeferson Tenório, o texto reafirma a centralidade do corpo, da pele e da experiência colonial como lugares de inscrição da violência e, simultaneamente, como espaços de resistência, criação e reimaginação do mundo.

Por fim, ampliando o escopo para o diálogo interartístico, o artigo “Ressignificando o colonialismo pelas mãos de Adriana Varejão e Henrietta Rose-Innes: colonialismo e escrita; herança e entranhas”, assinado por Janice Nodari e Helena Assal, propõe uma leitura comparativa entre o conto *Porcelain* (2012), da escritora sul-africana Henrietta Rose-Innes, e um conjunto de obras da artista brasileira Adriana Varejão — “Autorretratos coloniais” (1993), “Pele tatuada à moda de azulejaria” (1995–1996) e “Azulejaria ‘De Tapete’ em Carne Viva” (1999). Ao aproximar literatura anglófona e artes plásticas, o texto investiga os processos de resignificação da herança colonial por meio da linguagem, da materialidade do corpo e da imagem, evidenciando afinidades profundas com a crítica fanoniana da colonialidade.

Fecha o dossiê o texto de Sabrina Silva Souza “Homens pretos choram e amam: O lirismo na Literatura Negra e/ou Afro-brasileira”, em que a autora elabora uma breve análise do poema *Mano Brown também ama*, de Lucas Litrento, contrapondo à crônica “Meia Noite”, do livro *Homens pretos (não) choram*, de Stefano Volp. Estes autores fazem parte da nova geração de escritores brasileiros, que não se encaixam no chamado cânone literário tradicional, e que, embora também pratiquem uma literatura de engajamento, buscam dar voz a uma literatura dissonante, ou seja, a uma literatura de invenção que foge, em sua finalidade, do que é, tradicionalmente, esperado de autores negros.

Em seu conjunto, os artigos que compõem este dossiê reafirmam a potência crítica e poética da obra de Frantz Fanon para os estudos literários e artísticos. Ao atravessar diferentes línguas, territórios, temporalidades e formas de expressão, “Poéticas da descolonização: o legado de Frantz Fanon para a literatura e as artes” evidencia que pensar Fanon hoje é confrontar as permanências da colonialidade, da racialização e da violência, reconhecendo na literatura e nas artes campos privilegiados de elaboração simbólica, crítica e inventiva dos processos de descolonização.

Este número conta ainda com cinco artigos originais sobre temas e autores diversos. Daniel Atroch analisa o conto de Guimarães Rosa “A estória do Homem do Pinguelo”, explorando

a troca de destinos, o processo de individuação e a relação problemática com o Pai; Francisco Cleyson de Sousa Gomes investiga a metalinguagem na obra de Mário Faustino como princípio estruturante do eu poético; Ériquer Oliveira e Flávia Aninger de Barros propõem uma leitura teopoética comparada entre o Livro de Jó e *Four Quartets*, de T. S. Eliot; Clara Abrão de Araújo examina as imagens da água e as transformações das protagonistas em *A paixão segundo G.H. e Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*; Silvana Martins dos Santos e Lucas Garcia Nunes refletem sobre o disco *Portela – Passado de Glória*, destacando o samba como prática coletiva de memória e afirmação da cultura negra.

O leitor encontrará também neste número duas resenhas de livros recentemente publicados no Brasil — *Uma lua para o bastardo* (2025), de Eugene O'Neill, assinada por Marcelo Fernandes Ribeiro, com o título “Um acerto de contas entre irmãos”; e “Ruy Duarte de Carvalho e a ancestralidade africana” do livro *Ondula, savana* (2022), de Ruy Duarte de Carvalho, assinada por José Antonio Gonçalves —, além de duas traduções inéditas do italiano para o português. A primeira, intitulada “Mundos Globais, mundos em Fragmentos”, feita por Ana Luiza de França Sá, é a introdução ao livro *A Psicologia Cultural* do pesquisador e professor da Universidade de Florença, Andrea Smorti. Já a segunda, *Primeiras aventuras de Giaffá*, feita coletivamente por Aline Fogaça dos Santos Reis e Silva, Eduarda Tadvald Nunes, Ivana Isdra e Victória Medeiros da Silva, é um conto infantojuvenil da cultura siciliana, publicado pela primeira vez em 1893 por Grazia Deledda.

Boa leitura!